

## OS FUNDAMENTOS DO AMOR SOLIDÁRIO PARA COM OS POBRES

### Estudo da bem-aventurança de Mt 5,3 em homenagem ao teólogo José Comblin

João Luiz Correia Júnior\*

#### Resumo

*Quem são “os pobres” citados nos Evangelhos? Qual a diferença entre “pobres em espírito” das bem-aventuranças do evangelho segundo Mateus (5,3) e os “pobres” das bem-aventuranças do evangelho segundo Lucas (6,20b)? Quem são os pobres no âmbito social em que se encontrava Jesus de Nazaré? Estas perguntas sempre questionam quem se aproxima dos estudos bíblicos de modo mais profundo. Este artigo, em homenagem ao teólogo belga e nordestino José Comblin, busca nos escritos dele alguma luz para tais questões, fundamentais para a Teologia que foi elaborada no contexto latino-americano, no período posterior ao Concílio Vaticano II.*

**Palavras chave:** *Hermenêutica Bíblica. Jesus. Evangelho de Mateus. Religião Cristã. Ética. Pobres.*

#### Abstract

*Who are “the poor” mentioned in the Gospels? What is the difference between “poor of spirit” in the beatitudes of Matthew (5,3) and the “poor” in the beatitudes of Luke (6,20b)? Who are the poor in the social environment in which Jesus of Nazareth lived? These questions are always raised by those who embark in deeper biblical studies. This article, in honour of the Belgian theologian and “nordestino” José Comblin, aims to find in his writings some answers to these questions, fundamental for the Theology that was developed in the Latin-American context in the period post-Vatican II.*

**Keywords:** *Biblical Hermeneutics. Jesus. Gospel of Matthew. Christian Religion. Ethics. Poor.*

\* Mestre e Doutor em Teologia, professor pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco, em Recife. Assessor do CEBI-PE. E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br

## Introdução

O padre e teólogo belga José Comblin (1923-2011), que residiu vários anos na Paraíba, lecionou no ITER – Instituto de Teologia do Recife, onde, na década de 80, teve a honra de tê-lo como professor.

Sua reflexão teológica foi problematizada pelo drama das pessoas empobrecidas, que ele tão bem conheceu na América Latina, no Brasil e no Nordeste brasileiro. A questão dos pobres era tão cara a Comblin que, pela passagem dos seus 80 anos, amigos publicaram um livro, coletando artigos em sua homenagem, que tinha o seguinte título: “A esperança dos pobres vive”<sup>1</sup>.

Para Comblin, o tema dos pobres é o “núcleo central do cristianismo”. Contudo, afirma o autor que esse tema permaneceu, durante 600 anos, ausente do discurso oficial da hierarquia da Igreja Católica. Em sua crítica, feita sempre de forma contundente, com a autoridade do pesquisador que sempre o foi, ele afirma:

“O tema dos pobres foi eliminado do linguajar eclesiástico desde o século XIV, quando os Papas de Avinhão<sup>2</sup> condenaram os Espirituais franciscanos que defendiam o radicalismo na aplicação do modelo oferecido por São Francisco de Assis. A primazia dos pobres desapareceu numa teologia preocupada essencialmente com a luta contra os cismas e as heresias – teologia apologética que triunfou até o século XX. Durante séculos essa teologia se esqueceu do tema fundamental de Jesus. Somente isso bastaria para explicar a razão da esterilidade de toda a teologia católica desde o século XIV<sup>3</sup>.

No século XX a questão do pobre voltou a fazer parte dos documentos oficiais e da reflexão teológica. Isso ocorreu porque o clamor dos pobres foi crescendo em toda parte. No decorrer do século passado, os pobres do campo, explorados pelo latifúndio, emigraram para os grandes centros industriais, e se tornaram operários. Saíram da pobreza do campo para caírem na armadilha da pobreza da indústria, continuando a sofrer na engrenagem de exploração do sistema capitalista. Com o desenvolvimento tecnológico, de modo irreversível, as máquinas sofisticadas das indústrias começaram a dispensar cada vez mais os operários.

1. DIVERSOS AUTORES. *A esperança dos pobres vive*: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin. São Paulo: Paulus, 2003. 767 p.

2. Os chamados “Papas de Avinhão” correspondem ao Papado da Igreja Católica compreendido entre os anos 1309 e 1377, quando a residência dos Papas foi transferida de Roma para a cidade de Avignon, sul da França, por questões político-religiosas.

3. COMBLIN, José. *O caminho*: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004, p. 145. Importante salientar que sigo aqui neste artigo, como fio condutor, apenas esta obra do autor; não é a mais importante, mas é aquela que me ajuda neste momento para o que pretendo trabalhar neste artigo.

Na América Latina, a partir das grandes intuições do Concílio Vaticano II (1962-1965), que reabriu a consciência da Igreja para a sua missão no mundo, uma Teologia contextualizada surgiu para refletir sobre a necessidade urgente de se pensar, à luz da fé, a situação desse enorme contingente populacional cada vez mais alijado e excluído socialmente. Nesse ínterim, ditaduras militares surgiram em alguns países latino-americanos para coibir todo e qualquer elã revolucionário que se insurgisse contra o sistema econômico capitalista e contra o sistema político vigente, defensor dos interesses das oligarquias que se perpetuavam no poder. Nesse contexto desafiador, foram realizadas Conferências Episcopais em Medellín, Colômbia (1968) e em Puebla, México (1979); tais conferências produziram documentos oficiais que denunciavam o fenômeno da injusta desigualdade socioeconômica na América Latina.

A situação de pobreza em que viviam milhões de latino-americanos foi apontada como escândalo aos olhos de Deus e como aspecto altamente contraditório à práxis cristã. Surge, então, nesses documentos, a expressão que se tornou mundialmente conhecida como “opção preferencial pelos pobres”<sup>4</sup>. Contudo, em nossos dias, a situação não mudou. Pelo contrário: se agravou e tende a se perpetuar, por o sistema econômico neoliberal ter suas próprias artimanhas, inclusive do ponto de vista educacional para as novas gerações. O Padre Comblin já advertia quanto a isso:

Desde os anos 80 do século passado, a distância entre esses dois mundos [o mundo dos ricos e o mundo dos pobres] vem aumentando. A desigualdade econômica aumenta e a diversidade cultural também. Os incluídos educam os seus filhos em escolas que os preparam para ter um papel ativo na sociedade, e os excluídos educam os seus filhos em escolas que os preparam para ser excluídos – como são seus pais ou até mais do que eles. Esse é o fato da nova pobreza que até agora as autoridades e os partidos políticos se negam a considerar com seriedade, e, por isso, a maior parte da juventude definha e não tem outra saída na vida a não ser as drogas ou a criminalidade – única alternativa que a sociedade dominante lhe oferece.

Essa situação dos pobres, em meio à “globalização da indiferença” (frase do Papa Francisco)<sup>5</sup>, é um problema que deve ser enfrentado seriamente, sobretudo

4. A teologia sobre esta opção encontra-se explícita no Documento de Puebla (1979). Entre as obras mais importantes, está o livro de PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986. O tema está sendo retomado pelos pesquisadores. Para saber mais sobre o assunto, sugiro o livro organizado por OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

5. A frase completa do Papa Francisco é: “A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolhas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros... Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!” Disponível em:

pelas pessoas que professam a fé cristã e pelas Igrejas, como a Católica, que está “quase totalmente integrada no mundo dominante”. Que fazer, segundo os princípios cristãos, em meio ao clamor dos pobres?<sup>6</sup>

Como resposta, José Comblin sugeriu que, a partir da “opção preferencial pelos pobres”, se cultive, no seguimento de Jesus, “o amor aos pobres”: “Que o amor ao próximo – ou, simplesmente, que o amor – tenha por objeto próprio os pobres, isso não foi suficientemente salientado pela teologia, pelo catecismo, pela pregação habitual da Igreja”<sup>7</sup>.

Para se cultivar o amor aos pobres, segundo os princípios fundamentais da fé cristã, há que se recorrer – sempre de novo – aos Evangelhos. Neles encontram-se relatos da experiência de quem conviveu com Jesus, ouvindo seus ensinamentos e vendo seus atos coerentes com o que ensinava...

Sem dúvida, um dos aspectos que mais impacta positivamente na leitura dos Evangelhos é o amor imenso de Jesus para com os pobres. O presente artigo procura investigar os fundamentos desse amor, oferecendo deste modo subsídios bíblico-teológicos para se cultivar o seguimento de Jesus no que tange ao amor solidário e compassivo para com os empobrecidos do tempo que se chama hoje.

## 1. Os pobres, destinatários do Reino inaugurado por Jesus

O conteúdo central do anúncio de Jesus destina-se aos “pobres”, conforme se pode constatar no Evangelho segundo Mateus, nas breves sentenças que dão início ao Sermão da Montanha, conhecidas por “Bem-aventuranças”<sup>8</sup>: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3).

<<http://www.ihu.unisinos.br/.../521786-qadao-onde-estas-caim-onde-esta-o-teu-...>>. Acesso em: 15 de outubro de 2013. Trata-se de um trecho da homilia da missa celebrada na segunda-feira, 08 de julho de 2013, em Lampedusa, ilha italiana do arquipélago das Ilhas Pelágias no Mar Mediterrâneo. Devido à proximidade com o norte da África, este é o local onde desembarcam imigrantes pobres, clandestinos, de diversas nacionalidades, num drama humano que está sendo acompanhado de perto pelo Papa.

6. COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 155.

7. COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 148.

8. O gênero literário “bem-aventuranças”, já conhecido no Antigo Testamento, consiste em uma palavra de felicitação e congratulação. O motivo varia. Nas bem-aventuranças de caráter sapiencial são congratulados os fiéis observantes da lei de Deus. Deste modo, uma vida de fidelidade e de obediência é considerada uma situação feliz. Por exemplo, no Sl 1,1-2: “Feliz o homem que não vai ao conselho dos ímpios, não para no caminho dos pecadores...”. As bem-aventuranças de caráter escatológico, como as de Mt 5, referem-se àqueles que Deus salvará no dia de sua intervenção libertadora, inaugurando no aqui e agora o Reino de Deus que desce dos Céus. BARBAGLIO, Giuseppe. O Evangelho de Mateus. In: *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990, p. 110.

Temos duas versões escritas daquilo que teria sido o discurso de Jesus. No quadro abaixo, a primeira bem-aventurança de Mateus (5,3), em paralelo com a de Lucas (6,20b), segundo a Bíblia Interlinear<sup>9</sup> (tradução do grego, literal) e a tradução da Bíblia de Jerusalém<sup>10</sup>.

Mt 5,3	Lc 6,20b
<b>Bíblia Interlinear</b>	<b>Bíblia Interlinear</b>
Makarioi 'oi ptôchoi to pneumati, 'oti 'autôn 'estin he basileia tôn 'ouranôn	Makarioi 'oi ptôchoi 'oti 'umetera 'estin he basileia tou theou.
Benditos os pobres no espírito porque deles é o Reino dos céus.	Benditos os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.
<b>Bíblia de Jerusalém</b>	<b>Bíblia de Jerusalém</b>
Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.	Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

No âmbito do contexto histórico em que estava inserido Jesus de Nazaré, quem seriam esses “pobres”?

O termo grego utilizado na primeira bem-aventurança para designar “os pobres” é *'oi ptôchoi*. A língua grega distingue dois grupos de pobres, que poderíamos chamar em português os “relativamente pobres”, *pénetes* e os “absolutamente pobres”, *ptôchoi*. Os relativamente pobres (*pénetes*) tinham de trabalhar arduamente (e, muitas vezes, também executar atividades insalubres), para suprir para si e a seus familiares com o mínimo necessário à vida. Os absolutamente pobres (*ptôchoi*) estavam entre aquelas pessoas que nem mesmo possuíam o necessário para viver: têm fome e sede, vestem apenas farrapos, encontram-se desprovidas de moradia e esperança. Dependem da ajuda de outros para o indispensável à vida, obtendo-o, por exemplo, mediante a mendicância. Além dos mendigos, incluíam-se entre tais pessoas frequentemente viúvas e órfãos, mas também doentes crônicos e portadores de deficiência, como cegos, paralíticos, leprosos<sup>11</sup>.

9. NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GRECO-PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

10. BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Seguimos, neste trabalho, o texto dessa Bíblia, por se tratar de uma conceituada tradução.

11. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004, p. 110 e 114.

Pois são esses, os absolutamente pobres (*ptóchoi*), que são citados em Mt 5,3 como bem-aventurados. Mas por que tais pessoas são designadas como felizes, em meio à pobreza material, socioeconômica? Como pode tal situação tornar alguém feliz?

Os “absolutamente pobres” são felizes, bem-aventurados, porque recebem uma mensagem que lhes traz uma esperança. Para tais pessoas, as palavras e as ações de Jesus soam como uma grande novidade, boa notícia que lhes alegra o coração: agora Deus, por meio do seu Ungido (o Cristo) instaura o reino que muda radicalmente a situação de infelicidade. Por meio de Jesus, o Reino de Deus desce dos Céus e se torna próximo. Deus finalmente se revela senhor e soberano, porque faz justiça aos que dela precisam. Os “pobres” são proclamados bem-aventurados, felizes, porque Deus, tal qual em Ex 3,7-8, viu a miséria do seu povo, ouviu seu grito por causa dos seus opressores, conhece as suas angústias, e desceu a fim de libertá-lo por meio do seu Ungido, Enviado, Jesus de Nazaré<sup>12</sup>.

Importante compreender o sentido do termo “Reino dos Céus”, *basileia tōn 'ouranōn*, de Mt 5,3. Sem dúvida, refere-se ao “Reino de Deus”, *Basileia tou theou*, de Lc 6,20b. Contudo, em Mt o sentido aponta para a origem do Reino, que vem dos Céus e, portanto, não é deste mundo. De fato, segundo a narrativa do Evangelho de João, ao ser indagado por Pilatos, “Tu és o rei dos Judeus”, Jesus respondeu: “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue... Meu reino não é daqui” (Jo 18,33.36). O Reino de Deus que Jesus anuncia é dos Céus, vem de Deus e não segue os critérios deste mundo. Daí por que no Reino que vem dos Céus, e que Jesus instaura neste mundo, os pobres são felizes.

Isso é mostrado claramente nos Evangelhos por meio da bem-aventurança dos pobres. Em face do reinado de Deus, são chamados de felizes justamente os que, segundo os critérios gerais desse mundo, são chamados de infelizes. Desse modo, em suas origens, a ação missionária de Jesus é concebida como um protesto contra o mecanismo de exclusão deste mundo. Esse protesto é articulado no anúncio do Reino, não apenas por Jesus, mas também por seus discípulos e discípulas<sup>13</sup>.

Assim, pode-se afirmar que as bem-aventuranças não teriam a simples pretensão de exortar a uma pobreza voluntária, como se isso fosse um mérito, mas elas se referem à situação vital marcada pela fome e pelas lágrimas, que felizmente encontraram em Jesus a esperança de que outra realidade é possível vislumbrar.

12. FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 113.

13. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 404.

Tendo como ponto de partida essa situação socioeconômica da pobreza, a bem-aventurança de Mt 5,3 tem a intenção de ir mais fundo ao se referir a essa dura realidade, e usa a expressão “pobres em espírito”: *‘oi ptôchoi tou pneumati*.

Importante notar a presença no grego de Mt 5,3 do dativo de relação “to”, que pode ser traduzida como “em relação a”.

Assim como na bem-aventurança *Makarioi ‘oi katharoi te kardia* que em sua tradução literal é “Felizes os puros no coração”, isto é, pureza “em relação ao coração”, ou “que reside no coração”(Mt 5,8), a expressão “pobres em espírito”, *‘oi ptôchoi tô pneumati*, remete ao lugar onde reside a pobreza desses absolutamente pobres, o “espírito” (*pneumati*).

Portanto, para se compreender o significado profundo da bem-aventurança de Mt 5,3, é necessário traduzi-la literalmente: “Felizes os pobres em [relação ao] espírito”.

Mas o que significaria o termo “espírito”, em grego, e qual o seu significado dentro dessa bem-aventurança de Mt 5,3?

No Novo Testamento, o termo “espírito”, em grego *pneuma*, é muito semelhante ao termo hebraico do Antigo Testamento, *rû<sup>ah</sup>*, que significa “vento”, “sopro vital”, o princípio da vida e da atividade. Em Gênesis, o espírito da vida é o hálito de vida, “sopro vital” (Gn 6,12.17): “Deus viu a terra: estava pervertida, porque toda carne tinha uma conduta perversa sobre a terra. Deus disse a Noé: (...) Quanto a mim, vou enviar o dilúvio, as águas, sobre a terra, para exterminar debaixo do céu toda carne que tiver sopro de vida: tudo o que há na terra deve perecer...”. Esta concepção do Eclesiastes sobre *rû<sup>ah</sup>*, hálito de vida, sopro vital, está na base de Ecl 3,19-21: “A sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento (= fôlego, respiração, ânimo, sopro vital, hálito de vida)”. Como se percebe no texto, “o hálito de vida” (= espírito) do ser humano e dos animais são idênticos: deixa o ser humano como deixa o animal e não há indicação para onde vai. Importante salientar que esta não é uma concepção do espírito como “alma” e, de fato, semelhante concepção não ocorre em parte alguma do Antigo Testamento<sup>14</sup>.

Desse modo, “espírito”, interpretado como princípio de vida, é quase sempre considerado algo que faz parte da essência divina e que é concedida como dádiva divina. Como procede do próprio Deus, origem de tudo quanto existe no cosmos, é vitalidade, poder, força capaz de gerar coragem e ânimo para as atividades na vida.

14. MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, verbete “espírito”, p. 303.



Pois bem, tendo presente o significado do termo “espírito”, vejamos como a expressão “pobres em [relação ao] espírito”, na bem-aventurança de Mt 5,3, pode ser interpretada. O biblista Franz Zeilinger, professor de Estudos Bíblicos Neotestamentários na Universidade de Graz (Áustria), apresenta três interpretações<sup>15</sup>, às quais acrescentei uma quarta. Assim, vejamos:

#### Primeira interpretação.

“Pobres em espírito” pode indicar os absolutamente pobres em relação ao espírito humano, indigência em relação ao mais íntimo de si mesmo.

No geral, considera-se a bem-aventurança de Mt 5,3 em analogia à bem-aventurança de Mt 5,8: “Bem-aventurados os puros em [relação ao] coração”. Em grego, temos aqui o “dativo de relação” (Dativo. Nas línguas que têm declinações, como o grego, dativo é o caso que designa a atribuição ou a destinação que remete a outros termos). Assim como os puros “em coração”, pobres “em espírito” remete ao “lugar onde reside a pobreza deles”. Portanto, refere-se ao espírito humano, o mais íntimo do ser.

A pobreza em si não representa um valor perante Deus, visto que somente a pessoa como tal, em sua fragilidade e sofrimento, aparece como objeto da bem-aventurança. Tal pobreza extrema, que toca o âmago do ser, pode expressar-se no fato de uma pessoa achar-se “desamparada”, sem saber mais o que fazer da vida.

Tal pobreza em [relação ao] espírito é tão dolorosa quanto a pobreza material. Pode ser consequência dela ou não. Essa pobreza é experimentada subjetivamente como profunda crise existencial em virtude dos insucessos, frustrações e fracassos na vida, tanto na sociedade, na Igreja ou na família.

Desse modo, os pobres em [relação ao] espírito de Mt 5,3, por conta de sua vulnerabilidade objetiva e subjetiva, aparecem como bem-aventurados, são considerados felizes diante da aproximação do Reino dos Céus, por meio da ação amorosa de Jesus.

#### Segunda interpretação.

“Pobres em [relação ao] espírito” pode indicar os absolutamente pobres que se abrem ao Espírito de Deus, *Pneuma*.

Com a palavra *pneuma*, pode-se indicar o Espírito de Deus. Felizes são as pessoas que, no fundo do fosso de sua indigência, abrem-se ao *Espírito*, põem-se em relação ao Espírito de Deus (*Pneuma*). São felizes porque, em sua indigência,

15. Baseio-me aqui em ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao sermão da montanha* (Mt 5–7). São Paulo: Paulinas, 2008, p. 47-48.



cultivaram a esperança. Por isso serão consolados com a chegada definitiva do Reino dos Céus, na linha do que se segue nas bem-aventuranças: “Felizes os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,5).

Pode-se inferir que o texto de Mateus deseja evocar a fé no Messias que vem anunciar a irrupção, neste mundo, do Reino dos Céus, conforme está na palavra profética de Is 61,1-2: “O Espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa-nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração [...], a fim de consolar todos os enlutados”.

Pobre em [relação ao] Espírito, desse modo, significaria uma indignância que, no campo da sabedoria prática, a pessoa reconhece a necessidade do dom do Espírito de Deus que emana de Jesus. Quem acolhe a mensagem de Jesus, o mensageiro divino, ungido e enviado pelo Espírito, já saboreia a restauração de sua vida, experimentando no aqui e agora a presença do Reino de Deus que provém dos Céus e se instaura neste mundo.

#### Terceira interpretação.

“Pobres em [relação ao] espírito” pode indicar as pessoas que em sua busca de Deus sentem-se distantes de Deus em sua “noite escura” (São João da Cruz)<sup>16</sup>.

Neste caso, trata-se de uma indignância espiritual, no campo do relacionamento humano com Deus. A pessoa sofre porque, embora se empenhe na busca do Espírito, não consegue sentir a presença consoladora de sua Essência Divina. Encontram-se, por algum motivo, travadas espiritualmente, ou em “depressão” espiritual.

Expressa seu sentimento de tristeza pela ausência de Deus, em meio à amarga experiência do “silêncio de Deus”. Esse sentimento angustiante foi sentido por Jó e, de forma ainda mais radical, por Jesus dependurando na cruz, antes de morrer, em meio a trevas absolutas. Daí a densidade do clamor, citando o Salmo 22,2: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 15,34).

Tais pessoas são felizes com a chegada do Reino dos Céus porque poderão ver, finalmente, ao Deus que tanto buscaram...

#### Quarta interpretação.

“Pobres em [relação ao] espírito” poderíamos acrescentar as pessoas *espiritualmente pobres* que não percebem Deus e nem se apercebem do quanto necessitam de Deus.

16. A Noite escura da alma (em castelhano *La noche oscura del alma*) é um poema escrito no século XVI pelo poeta espanhol e místico cristão São João da Cruz. O poema narra a dura jornada espiritual do ser humano até a união com Deus. A jornada é referida como “Noite Escura”, pois a escuridão representa as dificuldades humanas em desapegar-se do mundo e atingir a felicidade plena (bem-aventurança) junto a Deus.

Trata-se de um tipo de pobreza espiritual que vem crescendo muito nos últimos tempos, os indiferentes para com Deus. Em sua profunda indigência espiritual, a pessoa nem ao menos se apercebe necessitada do Espírito. É uma pobreza tão profunda em relação ao espírito que a pessoa, por não ter tido a oportunidade de conhecer Deus, torna-se cada vez mais vazia.

Tais pessoas também são bem-aventuradas com a chegada do Reino. Jesus, em sua imensa misericórdia, durante sua missão de instaurar o Reino dos Céus neste mundo, aproximou-se de pessoas em tal situação, muitas delas excluídas por sua cultura religiosa (chamadas de “pagãos”, “gentios”). Esta missão deve ser continuada por seu discipulado. Não é por acaso que a perícopes final do Evangelho de Mateus seja um texto de envio. Na montanha que ele determinara para encontrar os seus (lembra o sermão da montanha, Mt 5–7), Jesus diz aos discípulos: “Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos...” (Mt 28,18-19).

Pode-se concluir dessas interpretações, que a pobreza é, por assim dizer, o fosso profundo no qual o reino e o agir gracioso de Deus podem derramar-se, qual chuva preciosa tão ansiosamente aguardada pelos que vivem em regiões áridas. A bem-aventurança, a felicidade dos que são “pobres em [relação ao] espírito” é, sem dúvida, a alegre boa notícia do Reino dos Céus que se instaura neste mundo, trazida por Jesus.

Quem, na fé, assume radicalmente a Boa-Nova de Jesus, saboreia a bem-aventurança, a felicidade da realização neste mundo do Reino que provém dos Céus, da parte de Deus. Tal pessoa antecipa, no aqui e agora, a participação bendita no julgamento escatológico do fim dos tempos: “Vinde, benditos de meu pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer. Tive sede e me deste de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me” (Mt 25,34-36)<sup>17</sup>.

Assim, o Reino de Deus, segundo Mateus, é o Reino “dos Céus”. Tem um caráter escatológico salvífico, mas já pode ser saboreado no aqui e agora, antecipando tal felicidade que se espera no fim dos tempos.

## 2. O amor para com os pobres, exigência ética do agir cristão

Pela análise literário-teológica da bem-aventurança de Mt 5,3 a respeito da bem-aventurança dos pobres no espírito, percebe-se o imperativo de que os cristãos deem continuidade à instauração do Reino dos Céus trazido à terra por

17. ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao sermão da montanha* (Mt 5–7), p. 48.

Jesus, por meio de uma ética da misericórdia voltada amorosamente para com os pobres. Tal ética só pode ser sustentada no cotidiano exaustivo da vida por meio de profundo amor.

O que fazer, então, concretamente, para cultivar o amor aos pobres em nossos dias? José Comblin, no livro “O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus”, sugere pelo menos três aspectos profundamente interligados: 1º) a inculturação; 2º) a compaixão e a conseqüente inserção na luta com os pobres pela inclusão social; 3º) o fazer algo em prol da vida, para que todos possam vivê-la com dignidade<sup>18</sup>.

#### *1º) Inculturação e inserção na luta*

Os pobres estão circunscritos a uma subcultura própria. O amor aos pobres começa por um movimento em direção a eles. Exige aproximação para se compreender a realidade em que estão inseridos. O mundo dos pobres é formado por uma economia paralela, serviços de saúde, educação popular alternativa (alfabetização de crianças e adultos), recuperação das vítimas do submundo (drogados, ex-presidiários, deficientes, alcoólicos), comunicação direta por meio do “disse me disse”, locais de lazer etc.

A inculturação exige conhecer essa realidade comunitária, as pessoas e o contexto social em que estão inseridas, a fim de se perceber não apenas os problemas locais, mas, sobretudo, os valores que já existem e que precisam ser cultivados. Para acessar o mundo dos pobres é preciso sentir-se frágil, sem segurança, sem pretensão, sem confiar nas informações que se pressupõe ter. Somente aprende uma cultura quem reconhece não conhecê-la<sup>19</sup>.

#### *2º) A inculturação gera a compaixão e a inserção na luta*

O relacionamento que Jesus tinha para com o seu povo era motivado por profunda compaixão. Quase todos os encontros pessoais com gente do seu povo foram motivados por tal sentimento de amor, que mexe com as entranhas do próprio corpo.

Mateus relata que “Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades. Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9,35-36).

Segundo Comblin, “a compaixão de Jesus é como que a força que lhe dá energia para empreender a grande caminhada – que também é uma grande luta pela libertação do seu povo de todas as suas misérias”. E continua: “É preciso

18. COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 155-157.

19. COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 162.

sentir a compaixão, não pelos números, pelas estatísticas, pelos discursos, ou pelos estudos sociológicos sobre a miséria. Tudo isso se torna vida quando existe uma incorporação em pessoas concretas. Sem a compaixão por pessoas bem determinadas, que criam um laço e um compromisso pessoal, não podemos confiar muito na fidelidade aos compromissos de libertação”. Por fim, Comblin denuncia que:

Faltou essa prática a muitos religiosos, sacerdotes e leigos que se integraram no mundo popular para seguir o caminho de Jesus. Foi talvez a ausência dessa vivência, dessa participação direta nos sofrimentos do povo que fez com que tantos revolucionários abandonassem a causa que haviam assumido com entusiasmo na juventude. Era o entusiasmo por uma grande obra, mas que não tinha raízes num amor verdadeiro ao povo<sup>20</sup>.

### 3º) *O fazer algo em prol da vida*

A consequência natural da inculturação e da compaixão é a inserção real na luta pela inclusão social da comunidade, visando melhorar as condições de vida local e, sobretudo, propiciar aos mais jovens, por meio da educação, oportunidades de aprimoramento técnico e formação superior, a fim de que tais pessoas possam adquirir condições reais para lutar por sua inclusão social.

Jesus testemunha essa inserção amorosa, fazendo aquilo que está ao seu alcance pelos empobrecidos do seu tempo. Os pobres são bem-aventurados, felizes, porque veem a coerência entre o que Jesus ensina e o que Jesus faz. Em Mateus, o próprio Jesus dá testemunho de si mesmo ressaltando o seu fazer: “Ide contar a João o que ouvis e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,4-6).

Diante disso, Comblin adverte que a maior tentação dos cristãos é o espiritualismo, é fazer do cristianismo um caminho de vida espiritual distante do mundo material, com um programa de atividades puramente religiosas, feitas de emoção, de sentimentos, fora da rede das atividades diárias e fora das dinâmicas do mundo. Trata-se de um programa de fuga do mundo material, para viver num mundo feito de puro espírito, longe da matéria considerada como obstáculo, freio ou tentação. E isso não é algo novo, pois desde o início, e durante os primeiros séculos, o espiritualismo entrou na Igreja. No século XX, no Ocidente, houve um processo de mudança cultural que levou a uma reabilitação do corpo. O pecado não está no corpo, mas no uso inadequado que a pessoa faz dele, se, em vez de promover condições reais de vida, o usa para promover situações geradoras de morte<sup>21</sup>.

20. COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 166.

21. COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 175-176 e 180.

Amar aos pobres consiste, objetivamente, em fazer algo por eles, tratando-os em primeiro lugar como pessoas, manifestando-lhes o respeito para, em seguida, ajudá-los a promoverem a própria vida sofrida, marcada pelo empobrecimento.

### **Conclusão**

Os absolutamente pobres são felizes quando conhecem pessoas de boa vontade que se inserem no seu mundo, motivadas por profunda compaixão.

Os absolutamente pobres são felizes quando tais pessoas viabilizam objetivamente – por meio do seu agir solidário – projetos sociais em prol da construção de uma nova sociedade, onde todos possam viver com dignidade.

Os absolutamente pobres são felizes quando participam ativamente desses projetos restauradores de vida, em nível pessoal e comunitário.

Os absolutamente pobres são felizes quando veem estes sonhos se concretizarem diante dos seus olhos, dentro dos guetos em que foram obrigados a viver esquecidos, em meio à globalização da indiferença.

Bem-aventurados, felizes são os absolutamente pobres em [relação ao] espírito, porque deles é o Reino de Deus, que vem dos Céus e se instaura na terra, por meio das pessoas de boa vontade.

Assim, seja!

### **Bibliografia**

BARBAGLIO, Giuseppe. O Evangelho de Mateus. In: *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990.

BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

DIVERSOS AUTORES. *A esperança dos pobres vive: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GRECO-PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (Org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao sermão da montanha (Mt 5–7)*. São Paulo: Paulinas, 2008.